

## **SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES DE EVENTOS LITERÁRIOS NO VALE DO PARAÍBA (SP)**



## **MEANINGS AND IMPLICATIONS OF THE LITERARY FESTIVALS AND PARTIES IN VALE DO PARAÍBA, SP, BRAZIL**

ROBSON BATISTA DOS SANTOS HASMANN

LEANDRA NICOLE PAULA DOS SANTOS

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 18/07/2021 • APROVADO EM 11/01/2021

---

### **Abstract**

---

This paper presents the results of research about some literary parties and festivals that have been realized in Vale do Paraíba, region between São Paulo and Rio de Janeiro, in Brazil. The aim is comprehending the significates and consequences for the literary system (CANDIDO, 2000). So, we observe and analyze the schedules of these events, especially those realized in 2019, in different cities of region. We applied also a questioner for the organizers and curators of the da Feira Literária de Cruzeiro (FLIC), a Festa Literária da Mantiqueira (FLIMA) e a Festa Literária de Guaratinguetá (FLIG), among others. Besides, we examined the schedules according to publicized in the regional press. This research contributes to the development about this cultural phenomenon (the Parties and Festivals), that stablish dialog with several ranges of society. The data obtained, link between schedules and questionnaire, show that is frequently the presence of authors from the region, the existence the exclusive activities for children (even if some are more entertaining), and the intention of relating literary culture to education. Then, it's possible to deduce these activities can contribute to promotion of literature beyond the selling books in the same time that allow organize the literary system in region.

---

**Resumo**

---

A presente pesquisa busca compreender os significados e as implicações que as Festas e Feiras de literatura realizadas no Vale do Paraíba têm para o sistema literário dessa localidade (CANDIDO, 2000). Para tal, observamos e analisamos as programações desses eventos ocorridos na região, em especial no ano de 2019. Utilizamos ainda um questionário fechado para os organizadores e curadores, entre outros, da Feira Literária de Cruzeiro (FLIC), a Festa Literária da Mantiqueira (FLIMA) e a Festa Literária de Guaratinguetá (FLIG). O levantamento das programações somou-se à verificação da divulgação por meio da imprensa regional. A pesquisa visa a contribuir para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre esse fenômeno cultural (as Feiras e Festas literárias), que estabelece diálogos com vários ângulos da sociedade. Os resultados alcançados, os quais foram conseguidos pelo cotejo entre as programações e as respostas ao questionário, revelam que é constante a presença de autores e autoras da região, a existência de atividades exclusivas para crianças (mesmo que algumas tenham mais caráter de entretenimento) e a intenção de relacionar a cultura literária com a educação. É possível, portanto, inferir que essas atividades podem contribuir para o fomento da literatura para além da vendagem de livros (fim último das bienais, por exemplo) e para formas de produção cultural que valorizam aspectos regionais.

---

**Entradas para indexação**

---

**KEYWORDS:** Literay events. Vale do Paraíba. Regional literature.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eventos literários. Vale do Paraíba. Literatura regional

---

**Texto integral**

---

## 1. LITERATURA PARA ALÉM DO ATO SOLITÁRIO DA LEITURA

Em 2019, diversas cidades do Vale do Paraíba<sup>1</sup> organizaram sua Festa ou Feira literária. Com certa segurança, podemos afirmar que não foi coincidência, pois em anos anteriores elas já vinham acontecendo. Assim, enquanto o município de Caraguatatuba realizava sua 9ª edição, Cruzeiro amadurecia promovendo a ação pela terceira vez. Paralelamente, Cachoeira Paulista e Guaratinguetá lançavam a primeira edição do evento. O fenômeno não é novidade no país, mas a peculiaridade do que acontece na região se deve, entre outros fatores, à proximidade com o município fluminense de Paraty, onde há mais de uma década ocorre aquela que talvez seja o protótipo desse tipo de evento. Portanto, a simultaneidade apresenta características de uma onda cultural que merece observação por parte de estudiosos da literatura.

---

<sup>1</sup> Dentro do escopo desta pesquisa, consideramos Vale do Paraíba as cidades situadas entre Taubaté e Cruzeiro, bem como a região da Serra da Mantiqueira e o Litoral Norte Paulista. O critério foi a dimensão populacional e a ausência de equipamentos culturais mais estabelecidos. Por isso, observar-se-á que deixamos de lado a Festa Lítero-Musical de São José dos Campos, município com mais de 600 mil habitantes e que possui vida cultural pujante, com teatros, bibliotecas e a Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

A constatação de que a quantidade de Festas / Feiras aumentava paulatinamente e se propagava pelas cidades do Vale poderia, então, ser compreendida a partir do conceito de sistema literário, desenvolvido por Antonio Candido em **Formação da Literatura Brasileira** (2000)?

O crítico descreve a história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura. Analisa o Arcadismo e o Romantismo brasileiros à luz do objetivo que os autores dessas estéticas propuseram, isto é, criar uma literatura capaz de participar da constituição do Brasil. No Prefácio, Candido diferencia manifestações literárias de literatura propriamente dita. Em seu entendimento, a primeira representa o estágio em que “a formação dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras” ainda não se fazem de maneira orgânica e articulada dentro de um “tempo, uma tradição”. (CANDIDO, 2000, p. 24). Já a segunda, a literatura em si, caracterizar-se-ia, então, pela formação de um sistema em que as representações simbólicas elaboradas com a palavra “estão ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” histórica. (CANDIDO, 2000, p. 23).

Essa diferenciação, enquanto contribuição para detectar momentos de inflexão de uma história da literatura, faz-se, ensina o crítico, a partir da análise de três fatores que se articulam em torno da obra, isto é, o livro, o artefato cultural: 1) os fatores externos (fatos históricos, conformações sociais e embates políticos); 2) o fator individual, que diz respeito à pessoa responsável pela criação e 3) o texto em si, que contém os elementos anteriores e outros “que os transcendem e não se deixam reduzir a eles”. (CANDIDO, 2000, p. 33).

Pelo exposto, embora ainda não seja possível mensurar se as Festas / Feiras estariam já constituindo uma literatura propriamente dita, acreditamos que esses eventos merecem ser observados enquanto manifestações literárias, até mesmo porque não encontramos estudos sobre elas, nem sob a possível perspectiva turística que se abriria nem sob o olhar da crítica literária.<sup>2</sup>

A falta de estudos específicos sobre o caso vale paraibano levou-nos a estabelecer analogia com pesquisas que analisam eventos similares. Auxilia-nos o estudo de Miranda (2005, p. 4), que usa a expressão “mercadoria cultural” para se referir aos processos pelos quais passaram a Festa Literária de Paraty (FLIP): nas suas palavras, essa Festa “pode ser entendida como mais uma faceta da expansão da indústria cultural de marca pós-moderna em direção aos países da periferia do sistema capitalista.” Verificamos, então, que há a transformação da espontaneidade da cultura — com suas implicações mais humanas e comunitárias — em objeto de fetiche. Nesse processo, o livro deixa de ser entendido como objeto de aprimoramento, conhecimento, fruto da elaboração de pesquisas e criação imaginativa para significar a mercadoria que permite o ingresso no mundo do consumo.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Usamos aqui a expressão crítica literária de maneira muito genérica. Estamos cientes de que nem a imprensa nem as instituições de ensino superior — dois polos da principal expressão crítica na história da literatura brasileira — da região possuem de fato uma estrutura de pensamento em torno dos fenômenos culturais literários. Na imprensa, restringem-se à divulgação; nas instituições de ensino, vez por outra aparece um TCC.

<sup>3</sup> Em nossa opinião, o lado mais sombrio dessa transformação fica ocupado pelos autores que não têm prestígio editorial ou que são de empresas prestadoras de serviços editoriais. Atualmente, longe dos

Além de Miranda (2005), apesar do escopo voltado às implicações turísticas, auxilia a pesquisa de Faria *et al.* (2017) acerca do perfil dos frequentadores da Semana Roseana, que acontece em Cordisburgo (MG), cidade natal de João Guimarães Rosa. Os autores observam que, comparada a FLIP, a Semana tem suas peculiaridades justamente por promover a conjugação entre o espaço sobre o qual o autor escreveu e as obras. Por sua vez, a Festa de Paraty, por não possuir vínculo com nenhum escritor, “transforma-se em palco para um grande e efêmero festival literário, que poderia ocorrer em qualquer lugar.” (FARIA *et al.*, 2017, p. 1157).

Antes de passarmos ao exame do objeto alvo desta pesquisa, trazemos à baila recortes conceituais do que são eventos e cultura.

Partimos do princípio de que um evento “tem como característica principal propiciar uma ocasião extraordinária ao encontro de pessoas, com finalidade específica, a qual constitui o ‘tema’ principal do evento e justifica a sua realização.” (GIACAGLIA, 2016, p. 3). A dimensão pontual e extraordinária dessa definição também aparece na explicação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac (2000, p. 11): “qualquer acontecimento que foge à rotina, sempre programado para reunir um grupo de pessoas”.

Enquanto os eventos são marcados por ocorrerem em ocasiões específicas, a cultura situa-se no nível da tradição, da continuidade, na espontaneidade popular. Pesquisadores de diferentes áreas, tais como Santaella (2003), Laraia (2001) e Said (2011), identificam que os acontecimentos momentâneos ou extraordinários parecem não se ajustar ao conceito de cultura, uma vez que os costumes, a passagem geracional e o cultivo de relações espontâneas permeiam as expressões culturais.

Ainda acerca da fugacidade dos eventos em contraponto à continuidade da cultura, é pertinente destacar a posição do crítico literário Terry Eagleton (2003) que, ao pensar “a ideia de cultura”, identifica que

A palavra combina de maneira estranha crescimento e cálculo, liberdade e necessidade, a ideia de um projeto consciente, mas também de um excedente não planejável. E se isso é verdadeiro quanto à palavra, também o é quanto a algumas atividades que denota. (EAGLETON, 2003, p. 14).

As palavras do crítico inglês convocam, pois, a pensar se os eventos chamados de Festas / Feiras literárias não seriam uma forma “não planejável” da cultura. No entanto, considerando, conforme observa o crítico literário Aijaz Ahmad (2002, p. 229), que não se pode mais, atualmente, “ler anedótica ou epifenomenalmente a relação entre a produção cultural e sua base nos processos econômicos e políticos”, vale sublinhar uma dimensão da literatura em sua

---

potentes holofotes dos palcos e iates ocupados pelas celebridades do jornalismo e das editoras, autores menores são cooptados a comprarem “casas temáticas” onde poderão, segundo as editoras que os “contratam”, a expor, divulgar e vender seus livros. O preço desse “aluguel” varia de acordo com os dias em que o autor pretende ficar e participar. Ao término, deve também desembolsar uma porcentagem dos livros vendidos — pelos quais, geralmente, já pagou. Para o público, a entrada nesses espaços também é vendida.

complexidade. Em outras palavras, é necessário observá-la — e os eventos que a promovem — enquanto fenômeno que extrapola a cadeia da produção e do consumo de livros e, ao mesmo tempo, enquanto expressão de “elevação e refinamento” (SAID, 2011).

Dentro desse marco teórico-referencial, discutimos a seguir os significados das Festas e Feiras literárias para a circulação de autores e obras em um “universo regional”, com o objetivo de verificar quais são seus objetivos, como se configuram e se já é possível falar em implicações estéticas para a literatura da região.

## O VALE DO PARAÍBA E SUA LITERATURA

No Vale do Paraíba, assim como uma tradição da esfera social da literatura em sua formação, autores se organizam há décadas em torno de Academias e Institutos. Podemos mencionar, como exemplo, as Academias de Letras de Cachoeira Paulista, fundada em 1972, e a de Campos do Jordão, que em 2020 completou quarenta anos. Existe ainda o Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), instituição fundada em 1973 na cidade Guaratinguetá — hoje sediada no Centro Universitário Salesiano de Lorena —, cujas ações de pesquisa e produção intelectual são realizadas por historiadores, escritores, poetas e outros intelectuais. Atualmente, realiza inclusive simpósios acadêmicos com temas voltados a pensar a cultura e a história do Vale do Paraíba.

Finalmente, são tradicionais as publicações como as do próprio IEV, e, em especial, o jornal **O Lince**, fundado em Aparecida e dedicado exclusivamente aos estudos, à divulgação e debates de ideias sobre a região.

Todas essas formas, que poderíamos nomear como “tradicionais” no sentido de serem mais comumente praticadas na formação do sistema literário brasileiro, se somam aos lançamentos de livros de inúmeros autores. Trata-se, enfim, de formas de circulação de livros e divulgação de autores. No entanto, a abrangência de público nessas formas de mobilização cultural fica quase centrada nos integrantes das instituições — as Academias frequentemente recolhem um valor anual de seus membros. As Festas e Feiras, são, pois, fenômenos lítero-culturais recentes.

Com o objetivo de compreender mais profundamente o fenômeno literário a partir das festas e feiras, realizamos um panorama de autores do Vale. Restringimos as buscas àqueles nomes de projeção nacional e mais presentes na historiografia da literatura nacional. Esse recorte foi necessário porque a região é muito ampla e, conseqüentemente, possui número incontável de publicações. Além disso, um levantamento quantitativo das publicações de autores dessa região fugiria ao escopo da pesquisa.

Mesmo assim, muitos nomes surgiram: Brito Broca, crítico literário e cronista do início do século XX, Francisco de Assis Barbosa (biógrafo de Lima Barreto e membro da Academia Brasileira de Letras), Cassiano Ricardo (poeta envolvido com o primeiro momento do Modernismo brasileiro) e Péricles Eugênio da Silva Ramos (poeta e um dos mais importantes tradutores de Shakespeare no Brasil). Além desses autores, destacam-se por envolver a região, na temática de seus livros, os seguintes autores: Monteiro Lobato, Eugênia Sereno e Ruth Guimarães.

Lobato, em seus primeiros livros, **Urupês** e **Cidades Mortas**, problematizou e criticou incisivamente os costumes e a população do chamado fundo do Vale, sobretudo na região de Taubaté, no primeiro livro; e Bananal, Areias, Silveiras e Arapeí, no segundo. Refletindo sobre a cultura caipira desses locais, ele estigmatizou a cultura da região de tal forma que, tempos depois, aquela forma de ser ganhou projeção no cinema com o cineasta Amacio Mazzaropi. No entanto, há que se ressaltar que o mesmo ambiente rural que serviu a críticas deu impulso a outra personagem repleta de criatividade e criticidade. Emília, a boneca falante do Sítio do Pica-Pauau Amarelo, integra o ambiente rural e é nele que ela dá vida a inúmeras reflexões e sugestão de solução para diversos problemas do país.

Na Serra da Mantiqueira, Eugênia Sereno (pseudônimo de Benedita Pereira Rezende Graciotti) publicou, em 1965, o romance **O pássaro da escuridão**. No ano seguinte, recebeu o prêmio Jabuti. Afastada dos grandes centros (São Paulo e Rio de Janeiro), mas certamente atenta às inovações literárias do período, a obra recria poeticamente o ambiente serrano de São Bento do Sapucaí, Santo Antônio do Pinhal e Campos do Jordão. O livro merece atenção plena do leitor devido aos inúmeros retrocessos e reflexões em uma narrativa muito fluída, cheia de histórias entrecruzadas e dispersas, quase imperceptível, sobre uma relação amorosa abusiva. Na composição da história, Mororó-Mirim, a cidade inventada, está também repleta de registros, situações, costumes e traços linguísticos da região.

Por fim, parece ser na figura de Ruth Guimarães que a literatura do Vale do Paraíba encontra sua forma mais expressiva e permanente. Nascida em Cachoeira Paulista, estreou na literatura com **Água Funda**, em 1946, aos 17 anos. Nesse romance, ambientado entre as montanhas limítrofes de São Paulo e Minas Gerais, entre os municípios de Piquete e Delfim Moreira respectivamente, diversos elementos dão ao mesmo tempodimensões enigmáticas e engajadas à história da protagonista que, ao herdar uma grande extensão de terras, empenha-se em manter os negócios e cuidar do sentimento amoroso. No fim, ludibriada por um jovem da cidade, perde as terras e a sanidade.

Depois do lançamento de **Água Funda**, Ruth Guimarães passou a dedicar-se intensamente à pesquisa dos costumes, das tradições e do folclore caipira. Cinquenta anos depois, em 1996, publicou o segundo livro de ficção, depois de uma trajetória voltada ao universo da cultura e das formas de expressão popular. No livro dos anos 90, **Contos de cidadezinha**, quando já era membro da Academia Paulista de Letras e tivera seus livros elogiados por Antonio Candido, retoma alguns aspectos da ambientação e da representação regional, embora tanto neste quanto no livro da juventude o regionalismo figure apenas na superfície do texto.

Nos tempos atuais, com o avanço da globalização e dos sistemas transnacionais de circulação de informações e mercadorias, surgem movimentos de revalorização da cultura regional sem abrir mão das formas e temas mais contemporâneos.

Esses fatores, então, trazem a problemática do recorte que estamos fazendo para o trabalho. Como as Festas e Feiras estudadas abarcam muitas atividades — contação de histórias, palestras, mesas-redondas, entrevistas, bate-papos, lançamento e venda de livros, exposições, apresentações musicais, de dança e teatrais — acreditamos ser fundamental definir os liames do que entendemos aqui por literatura valeparaibana. O termo, a rigor, não existe. Por isso, traçamos aqui

uma possibilidade, que, sem a pretensão de ser abrangente e definitivo, servirá de bússola para nossa pesquisa.

Ao olharmos em perspectiva os autores da região que encontraram maior projeção nacional, identificamos que o traço regionalista está muito marcante. De maneira sintética, o regionalismo literário ocorre quando elementos linguísticos de uma localização geográfica delimitada está presente em obras de determinados autores. Essa vertente se fortaleceu “nos momentos decisivos” (CANDIDO, 2000) da literatura brasileira, isto é, durante o século XIX, quando o país buscava sua identidade, bem como formular sua história e elaborar um projeto de nação.

Dessa forma, é possível se apropriar do conceito de literatura regional, Regionalismo, para auxiliar na análise da produção literária no Vale do Paraíba, pois, a literatura regional leva para os livros a história de uma determinada região, com todas suas características e particularidades, como a representação das diferenças entre realismo e idílio, letra e oralidade, região e nação, cidade e campo, além da utilização das características do passado.

Entendemos, pois, que a literatura valeparaibana se articula por meio de textos ficcionais e poéticos em cuja ambientação se identificam traços dos costumes, das formas de linguagem, das culturas tradicionais. Assim também, os autores valeparaibanos, para fins desta pesquisa, são aqueles e aquelas que escrevem a partir dos elementos culturais da região. Portanto, independentemente do seu local de nascimento, seriam aqueles que, tendo convivido com a região, criam obras ficcionais e poéticas em decorrência da observação e das experiências vividas nela.

## AS PROGRAMAÇÕES

Como definimos anteriormente, Festas e Feiras literárias são eventos culturais organizados em torno do universo da literatura (apresentação de escritores, lançamento de livros, discussão sobre mercado editorial etc.) que ocorrem anualmente em suas cidades sedes. A realização, a organização e a curadoria variam de acordo com a instituição que assume o evento. Quando o Poder Público é o realizador, por meio de Secretarias ou Departamentos de Cultura, vê-se que os principais responsáveis são os próprios secretários ou diretores.

Os curadores, que são pessoas físicas ou jurídicas responsáveis pela sua concepção, montagem e supervisão, além de serem também responsáveis pela programação do evento e a execução e revisão do catálogo de divulgação, exploram atividades variadas com diferentes finalidades. Cabe ao curador realizar pesquisas, relacionamento, diálogo, seleção e combinação, fazendo a mediação entre profissionais do mercado, os escritores e o público.

Nas programações, é comum a presença de *shows* musicais, contação de histórias, peças teatrais, oficinas de livros, sessão de autógrafos com autores nacionais e locais, palestras, debates, além da presença de editoras e livrarias. A variedade de atividades proporciona, além de conhecimento, cultura — aspectos frequentemente atrelados ao objeto cultural livro —, diversão e entretenimento.

Em algumas Feiras / Festas, a curadoria é formada por um grupo de pessoas, profissionais, com diferentes formações e pensamentos. De tal modo que a base

conceitual que motiva a criação do evento relaciona-se diretamente com as visões de mundo que o(s) curador(es) possui(em), permitindo, desde sua concepção, que o evento cultural atraia pessoas diferentes, ligadas por um interesse comum: a literatura.

Analizamos os eventos que ocorreram em 2019. Esse recorte foi feito, primeiramente, pelo número substancial de informações que poderiam ser levantadas e, em segundo lugar, porque nesse ano mais cidades realizaram atividades, demonstrando com isso que os eventos literários ganharam corpo justamente naquele momento.

A seguir, realizamos levantamento das atividades divulgadas pelas programações, tanto em veículos oficiais (*sites* das Secretarias ou do próprio evento) quanto na imprensa.

A Feira Literária de Caraguatatuba (FLIC), em sua 9ª edição, exibiu a proposta de “despertar o interesse pela leitura e criar situações literárias e culturais no espaço escolar, com trabalho voltado a partir de autores da Literatura Brasileira” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CARAGUATATUBA, 2019). No *site* oficial do evento, é possível ver crianças com livros, cujas expressões mostram felicidade e, aparentemente, estão em um ambiente de leitura. Essas características reforçam o objetivo da Feira. Diferente dos outros eventos que veremos neste texto, a FLIC conta com a colaboração da Secretaria Municipal de Educação e não a de Cultura, intensificando que o evento cultural faz íntima ligação com a educação. A programação previa a presença dos alunos das escolas municipais e particulares com suas participações na contação de histórias, oficinas e exposições de painéis. Como a FLIC é um evento obrigatório às crianças, integra o calendário escolar.

Na descrição de uma das atividades, conseguimos ver essa ligação em “Exposições dos trabalhos realizados durante o ano letivo e ensaio geral das ações literárias e pedagógicas sobre os autores trabalhados”. Com efeito, podemos referenciar “ações literárias” à cultura e “pedagógicas” à educação.

Os homenageados da edição foram Heloísa Prieto (escritora, pesquisadora cultural e tradutora brasileira), representando a Educação Infantil; José Paulo Paes, com Ensino Fundamental I, e Carlos Drummond de Andrade, representando o Ensino Fundamental II e a Educação de Jovens e Adultos. Notamos que os organizadores vincularam os autores a certo público-alvo, entendido como nível de escolaridade. Sendo assim, há aproximação de cada etapa de ensino a autores que, para os organizadores, escrevem ou escreviam para a faixa estudantil à qual foram vinculados.

Dos homenageados, apenas Heloísa Prieto está viva e participou de roda de conversa. Suas obras foram ligadas à Educação Infantil, com crianças entre 4 e 6 anos. Refletindo sobre escolha, podemos inferir que o objetivo de apresentar às crianças uma figura viva pode gerar um maior interesse e aproximação delas, não só com a escritora, mas com a literatura em geral. Heloísa Prieto também.

Entre as exposições, a Feira proporcionou a palestra “Histórias e Memórias – Comunicação inspiradora”, com Ilan Brenman (um dos autores mais importantes da literatura infanto-juvenil brasileira atual); declamação de poemas de Carlos Drummond de Andrade e José Paulo Paes, feita pelo Projeto Fique de Olho, para alunos da Educação de Jovens e Adultos. Os estudantes da EJA também tiveram participação, pois fizeram apresentações e encenações teatrais. Outra ação que

vincula fortemente a educação à cultura foi o minicurso para os professores da rede municipal com escritores locais.

Passando a outro ponto da região, a programação da 3ª Feira Literária de Cruzeiro (FLIC) incluiu na programação mesas e palestras acerca de assuntos que perpassam desde o processo de concepção de livros até políticas públicas. Houve também atividades semelhantes às das bienais, como lançamento de livros e tendas fixas das editoras Promolivros, Jetplay, Casa Lua, Passarinho e Paulus.

Dentre a diversidade de temas, destacam-se as mesas sobre políticas públicas em regimes de exceção, sobre a biografia de políticos, com o lançamento do livro A história de Salvador Allende no cinema de Patricio Gusmán, de Fábio Monteiro e sobre o sistema carcerário nacional, realizada a partir do livro Extracampo: sob a ótica do cárcere, de Ângelo Canuto.

Além das atividades especialmente voltadas ao livro, a edição dispôs da exibição de documentários e artes plásticas, bem como apresentações de músicos da região. O evento também proporcionou um espaço para as crianças, a "Fliquinha", que teve contação de histórias, apresentações de teatros e brincadeiras.

Observamos que, diferentemente da Feira Literária de Caraguatatuba, a FLIC desenvolveu mais atividades lúdicas do que literatura, como apresentações de autores e livros para às crianças, por exemplo. Fazendo da "Fliquinha" um ambiente de diversão e não de fruição da cultura.

Com relação aos participantes, é possível perceber que a presença de artistas locais é maior, como a do escritor Paulo Antônio de Carvalho, que desenvolveu a oficina Memórias de Cruzeiro. Além disso, a roda de conversa "Ler para ser e crescer: diálogos sobre a literatura na infância" teve a participação de Renato Coêlho, proprietário da Editora Passarinho, e do professor de literatura Rodolpho Oliveira, com mediação de Mariana Bastos, proprietária da editora Casa Lua. Houve também o lançamento do livro **Sonoridades Caipiras na cidade: a produção de Cornélio Pires** (1929-1930), de Elton Ferreira.

Duas outras mesas contaram com a participação de escritores da região. Em uma delas, intitulada "A literatura e o medo na terra fantástica chamada Vale do Paraíba", os autores Eduardo Werneck, fundador e presidente da Academia de Letras e Artes de Cruzeiro, Edmundo Carvalho, autor que já esteve à frente da Fundação Cassiano Ricardo, em São José dos Campos e Diego Amaro, historiador e presidente da Academia de Letras de Lorena, debateram aspectos regionais da literatura. Em contrapartida, em outro momento abriu-se espaço para discussões de temas mais específicos da criação romanesca. Os escritores guaratinguetaenses Tiago Feijó e Robson Hasmann discutiram "a linha tênue entre a ficção e a realidade na cabeça do autor" (conforme indicava o subtítulo da mesa "Vida inventada e escrita real", com a mediação também de Mariana Bastos.

Em sua 1ª edição, a Festa Literária de Cachoeira Paulista (FLICA) contou com expositores, escritores, apresentação artística, feira de artesanato, apresentação teatral, além da homenagem ao artista cachoeirense Nelson Lorena. É importante observarmos que essa festa homenageou um escritor de sua cidade, diferentemente da Feira Literária de Caraguatatuba, que deixou de destacar autores do município, para fazer homenagens a artistas já consagrados.

Entre as atividades específicas sobre literatura, a FLICA proporcionou oficinas direcionadas a professores, com temas que abordaram os desafios da

educação em meio às transformações culturais trazidas pela tecnologia. Além disso, a jornalista e editora Mariana Bastos, natural da cidade e uma das organizadoras, apresentou ferramentas para leitura e identificação de *Fake News* e ensinou o passo a passo da produção de uma reportagem investigativa.

Dentre as atividades que envolviam a produção escrita, a programação anunciava a presença dos seguintes participantes: o editor Renato Coêlho, também natural de Cachoeira Paulista, abordaria as etapas de produção de um livro; Jurandir Rodrigues (professor, editor de livros, escritor, membro da Academia de Letras e Artes da cidade) apresentaria dicas de como organizar as ideias para escrever uma redação em vestibulares e no ENEM.

Houve ainda rodas de conversa. Em uma delas, Renisse Ordine (colunista literária e musical, escritora, professora e resenhista) mediou uma conversa sobre escritoras do Vale do Paraíba, ao lado de autoras Elza Francisco (Lavrinhas), Eliane Hoenhe (Cruzeiro), Renata Dias (Guaratinguetá) e Eliana Troia (São José dos Campos) e o historiador cachoeirense Eddy Carlos.

Outras duas rodas de conversa também demonstram forte presença da literatura valeparaibana. Em uma delas, “Café com histórias do Vale”, Eduardo Werneck e Edmundo Carvalho abordaram as histórias e “causos” da região conhecida como “fundo do Vale”.

Finalmente, outra mesa foi específica para escritores valeparaibanos. Com mediação de Tiago Feijó, o banner explicitava que a roda de conversa abordaria a “literatura no Vale”.

É possível notarmos que o evento ressaltou a literatura valeparaibana, dando relevância a ela em quase todas suas atividades, além de harmonizar o conteúdo para crianças e adultos (professores, pais e interessados), com eventos para público diversificado.

No mês de maio, ocorreu a Festa Literária de Guaratinguetá (FLIG), que pretendia ser uma das “ferramentas para fomentar a literatura da nossa cidade, por meio de novos leitores, encontro com escritores e público leitor, além de estimular o intercâmbio cultural entre escritores e outros artistas” (JORNAL DE GUARÁ, 2019). Inseriu em sua programação atividades voltadas ao público infantil, juvenil e adulto, e contou com a participação de editoras e livrarias, um café, um espaço destinado aos escritores de Guaratinguetá e da região, e *shows* lítero-musicais para finalizar as atividades diárias.

A festa, que foi realizada pela Secretaria de Cultura e apoiada por vários segmentos do setor cultural (Biblioteca Mário de Andrade e a Organização Social Poiesis, OS que comanda as atividades de formação e fomento da Secretaria de Cultura do Governo do Estado de São Paulo), exibiu uma programação muito diversificada, com a presença de escritores, pesquisadores, ilustradores e diversos outros artistas do município e do país.

A princípio, podemos destacar as palestras Cultura, Arte e Literatura- Da necessidade ao desejo, de Severino Antônio, e Confluência das Linguagens Literária e Jornalística em Os Sertões, de Euclides da Cunha, de Joaquim Maria Botelho. Os dois palestrantes são escritores da cidade de Cachoeira Paulista e nacionalmente reconhecidos. Severino Antônio, poeta e educador, lançou, inclusive, o livro *Poética da infância: conversas com quem educam crianças* (Editora Passarinho), em co-autoria de Kátia Tavares. Joaquim Botelho, resenhista e editor, autor de romances e

contos, também lançou Lá dentro (Ed. Reformatório), livro de contos. Além das palestras de autores da região, dois criadores de projeção nacional abordaram sua criação. Foram os roteiristas e cartunistas Alex Dodsworth e Caco Galhardo. Este último participou ao lado de Raphael Fernandes, em uma conversa sobre narrativas em quadrinhos, com a mediação do Youtuber e escritor cruzeirense Alê Santos, finalista do Prêmio Jabuti em 2020.

Entre as mesas, houve as seguintes: “Afro-Horizontes da Literatura no Brasil”, com Allan da Rosa e Lu Ain Zala, com mediação de Robson Hasmann; “Literatura e Transgressão”, com Marcelino Freire e Clara Averbuck e mediação de Roberto Guimarães, e o bate-papo com Paulo Lins, intitulado “Marginalização e silenciamento: quando a literatura ecoa diferentes vozes”, mediada pelo professor Rodolfo Meissner, também natural de Guaratinguetá.

A abordagem regional foi contemplada a partir do bate-papo “Romance e ficção a partir do interior paulista”, com Luiz Biajoni e mediação de Tiago Feijó; a mesa-redonda “A voz feminina na literatura Valeparaibana”, com escritoras, poetisas e pesquisadores de diferentes cidades do Vale do Paraíba, à frente da qual estava Renisse Ordine, uma das organizadoras da Festa de Cachoeira Paulista, e, por fim, a mesa “Pratas da Casa: a arte de escrever na terra das garças brancas”, formada apenas por escritores já maduros (como o poeta José Carlos Flor e o contista Jorge Abdalla, que não é natural da cidade, mas possui larga trajetória cultural e profissional no município) e iniciantes (tal qual Dominique Souza), além das responsáveis por livros de arte Ana Cristina Canettieri (que preparou livro sobre as obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer em Guaratinguetá) e Heidi Schellenberg (cujo livro de fotografias mostra espaços antigos do município).

A Festa também proporcionou programação para as crianças, com contação de histórias com as companhias Mundo do Balão e Cia Bola de Menta.

É necessário ressaltar que, nesta Festa, a maioria das mesas de escritores de renome foi mediada por escritores do município, permitindo assim uma aproximação e compartilhamento de conhecimentos entre os autores reconhecidos e locais.

Esse caráter mais abrangente também fez parte da Festa Literária Internacional da Mantiqueira (FLIMA), que “desenvolve atividades de divulgação da literatura, promoção do livro e formação de leitores na região da Serra da Mantiqueira” (FLIMA, 2019). Incluiu em sua 2ª edição, no ano de 2019, mesas com temas diversificados. Realizada em dois ambientes contíguos, o Auditório da cidade, onde ocorriam as atividades pagas, e uma escola municipal, teve 140 convidados e 80 atividades, em sua maioria gratuitas, para crianças, jovens e adultos. Essa programação paralela foi chamada de FLI+. O evento contou com 13 mesas, 10 pagas e 3 com entrada franca, sendo as pagas apenas para aquelas que eram com autores de renome.

Entre as mesas gratuitas, a primeira chamou-se “EM BUSCA DO LEITOR: estratégias para superar a crise das grandes livrarias”. Os participantes eram Pedro Almeida (curador do Prêmio Jabuti), Cassiano Elek Machado (diretor editorial do Grupo Planeta), Raquel Menezes (presidente da Libre), Leonardo Neto (editor do PublishNews) e mediação de Roberto Guimarães (curador da FLIMA). O evento também proporcionou o diálogo sobre as “FESTA LITERÁRIAS: uma articulação necessária”, com Angela Tornelli Ribeiro (FLIM, São José dos Campos), Benilson

Toniolo (Jornada Literária de Campos do Jordão), Mariana Santos (Festival de Literatura Infantil de Monteiro Lobato), Vanderléia Barboza (Semana Eugênia Sereno, São Bento do Sapucaí), Wellington Villanova (FLIG) e mediação por Roberto Guimarães (FLIMA).

Foi instalado um telão na quadra da escola ao lado do auditório, com a transmissão simultânea das mesas de debate, permitindo mais participação de público. Notamos que o evento possibilitou aproximação dos escritores de renome com os ainda não reconhecidos, mas privou algumas pessoas de assistir aos debates (presencialmente) por cobrar a participação em 10 de suas 13 mesas.

Já na escola municipal, o segundo ambiente, o número de atividades foi muito grande. Desde aquelas voltadas exclusivamente para o público infantil, até outras com escritores que iniciam a trajetória de maneira mais profissional. Observamos, no folder de divulgação, que este ambiente contemplava muitas palestras, mesas e bate-papos simultâneas. Os artistas que integravam essa programação paralela representavam diferentes vertentes da literatura e do mundo editorial. Exemplos foram os espaços destinados a Caco Galhardo e aos finalistas do Prêmio São Paulo de literatura de 2018 Tiago Feijó e José Roberto Walker.

A Festa elaborou um espaço as crianças, com atividades lúdicas sobre o circuito literário, mediação de leitura e contação de histórias, proporcionando não apenas diversão, mas conhecimento. Uma das atividades, “Desenhando com as crianças”, foi apresentada pelas próprias crianças, relevando que uma atividade para elas precisa de sua presença não só enquanto plateia, mas também como “artistas”, desenvolvedoras de projetos etc. Como na descrição da atividade: “elas têm muito a ensinar umas às outras”.

Outras atividades se destacaram por serem desenvolvidas por escritores não reconhecidos na região, como o bate-papo “Um passeio pela História da arte”, com o artista plástico e autor, Canato.

A FLIMA também desenvolveu oficinas sobre o meio ambiente com a FLIMAmbiental. Todas as atividades foram gratuitas e não exigem inscrição prévia.

Diferentemente de alguns eventos abordados neste trabalho, a Festa Literária Internacional da Mantiqueira fez uma breve descrição de cada atividade em sua programação, permitindo que o possível participante da atividade tivesse em mente os objetivos e benefícios da oficina a ser desenvolvida.

O último evento analisado, a Feira da Literatura Infantil de Taubaté (FLIT), contou com *shows* infantis, contação de histórias, peças teatrais, oficinas de livros, *slimes*, origamis, além da presença de autores nacionais e locais.

Entre as atividades, houve a contação das histórias “O nascimento de Visconde”, com Fabricando Arte e “Visconde ... esconde”, com a Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo; a peça teatral *E assim nasceu Visconde*, com a Turma do Itaim; e o lançamento do livro **Dançando sobre rodas**, de Mateus Vasconcelos. Ao mesmo tempo, o evento proporcionou a oportunidade de aprender sobre programação de *softwares* e robótica, com oficinas de jogos em 3D e programação com Minecraft. É de se perceber que não existiu um espaço aos adultos e todas as suas oficinas desenvolvidas eram 100% gratuitas.

Para encerrar os eventos aqui selecionados, destacamos a Semana Eugênia Sereno de Arte e Literatura. O evento homenageia a escritora que nasceu em São Bento do Sapucaí (cidade da Serra da Mantiqueira), autora de **O Pássaro da**

**Escuridão**, prêmio Jabuti em 1966. O evento ressalta o objetivo de “evidenciar não apenas os grandes nomes da literatura reconhecidos na mídia, mas aos artistas e escritoras (es) da Região” (PORTAL SERRA DA MANTIQUEIRA, 2019).

Em sua 4ª edição, a Semana contou com a participação da poeta Juraci de Faria Condé, com a palestra “A Poética de Felícia Leirner”; Severino Antônio, com o lançamento do livro **A Poética da Infância** (Ed. Passarinho); e Cris Eich, que fez uma oficina de artes. A exposição Inverso em Arte, do jornalista e escritor Marcelo Machado, também fez parte da programação. Ele participou do bate-papo sobre a “Internet do Verso”, mediado pela poetisa Zenilda Lua. No evento também houve apresentações de teatro e música, como um tributo à Elis Regina. O evento proporcionou uma mesa sobre escritores do Vale do Paraíba, organizada e mediada por Renisse Ordine.

Com a leitura e análise dessas programações, é possível perceber que, mesmo com a presença de autores consagrados nacionalmente, em sua maioria as Festas / Feiras dão evidência a escritores locais. A diferenciação é feita quando mesas, palestras e outras atividades com autores de projeção são pagas e/ou os convidados para essas atividades são remunerados.

Notamos também que algumas oficinas para crianças são elaboradas com conteúdo de brincadeiras sem vínculo direto com a literatura, o que torna o evento, para as crianças, um ambiente de diversão e não um evento literário. Essa diferenciação precisaria de novas pesquisas, predominantemente ligadas à educação e à pedagogia, a fim de verificar em que medida o entretenimento em uma feira de livros impulsiona o hábito leitor.

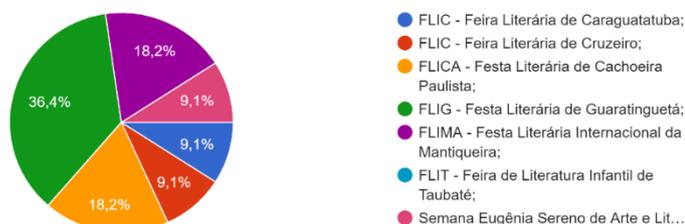
## A PERSPECTIVA DE ORGANIZADORES E CURADORES

Com o término da pesquisa das programações, foi elaborado um questionário *on-line*, para os curadores, organizadores e aqueles que contribuíram de alguma forma com o desenvolvimento de alguma Festa ou Feira. Nosso objetivo era utilizar as respostas para auxiliar a identificação dos conceitos e interesses que motivaram a realização dos eventos na região e confrontar as respostas com as programações.

O questionário foi enviado a 29 sujeitos, cujos nomes constavam da programação; no entanto, apenas 11 responderam. A enquete possuía 9 questões, sendo a última opcional, na qual o participante poderia expressar aspectos que achasse pertinentes tanto sobre o questionário em si quanto sobre o evento.

A pergunta de número 01 visava à contabilização da quantidade de integrantes da Festa ou Feira. Identificamos que a Festa com maior número de membros na Comissão organizadora foi também a que mais teve adeptos à pesquisa. Trata-se da Festa Literária de Guaratinguetá (FLIG), com 36,4% das respostas. Das 7 feiras que tiveram seus contribuintes convidados, a única a não ter nenhuma participante respondendo ao questionário foi a FLIT (Feira de Literatura Infantil de Taubaté). A Festa Internacional da Mantiqueira (FLIMA) e a Festa Literária de Cachoeira Paulista (FLICA) empataram, com 18,2% dos participantes cada uma. A FLIC (Feira Literária de Caraguatatuba), Semana Eugênia Sereno de Arte e

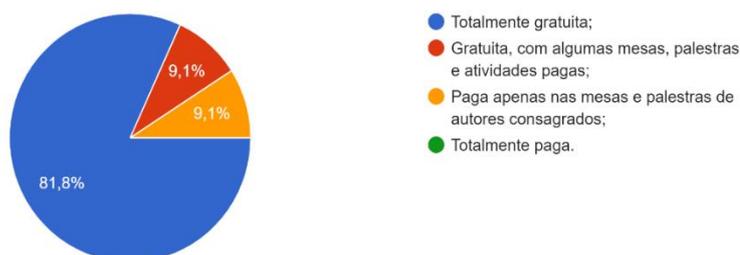
Literatura e a FLIC (Feira Literária de Cruzeiro), também se igualaram ao número de contribuintes, sendo 9,1% de cada.



**Figura 1** | Resposta à pergunta a respeito de qual Festa ou Feira o participante organizou ou contribuiu para a organização.

(Gráfico construído pelos autores)<sup>4</sup>

Com o objetivo de apresentar as formas de acesso aos eventos, a pergunta de número 02 revelou que 81,8% das atividades eram totalmente gratuitas e uma pequena porcentagem era paga apenas para mesas e palestras com autores consagrados. Pelo questionário não fica claro qual ou quais eventos tinham atividades pagas. No entanto, sabemos pela programação e páginas oficiais que a única era a da Festa Literária da Mantiqueira (FLIMA). Por outro lado, chama atenção que um número expressivo de respostas tenha considerado que apenas algumas palestras foram pagas, uma vez que a Festa de Guaratinguetá não divulgou pagamento de nenhuma atividade. Acreditamos que o questionário tenha sido lido com duplo sentido pelos organizadores e curadores, porque houve palestrantes e convidados que receberam cachê e outros não.



**Figura 2** | Resposta da pergunta a respeito das formas de acesso ao evento

A questão 03 possuía o objetivo de identificar a atuação do participante no meio cultural. Com 27,3%, o número de pessoas representantes do Poder Público se destacou. Destaca-se também a igualdade (18,2%) de Editor e/ou livreiro, Produtor/Agente Cultural autônomo e/ou da iniciativa privada e Representante da

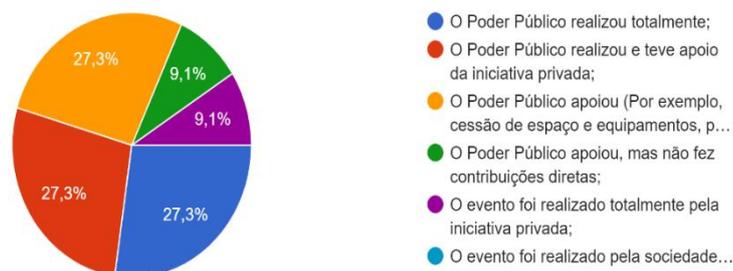
<sup>4</sup> Todos os gráficos aqui disponibilizados foram gerados pelos próprios autores a partir das respostas aos questionário.

Sociedade Civil (pessoas ligadas a Conselhos de Cultura, Secretarias de Educação, Diretorias de Ensino ou instituições) se igualaram nos números, com 18,2%. Isso demonstra que, embora o Poder Público encabece a realização dos eventos, diversos profissionais atuam para concretizá-los, inclusive os próprios autores — 9,1% eram escritor/a de ficção e/ou poesia.



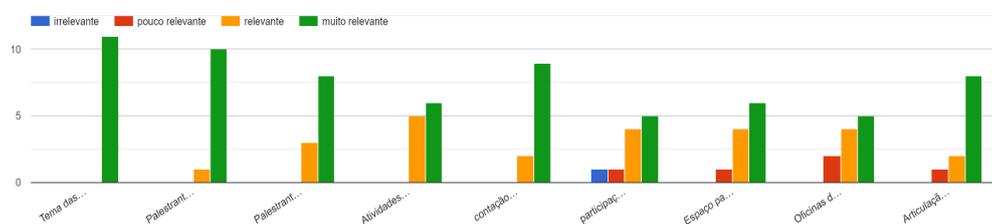
**Figura 3** | Resposta da pergunta a respeito da área cultural / literária no contexto da organização do(s) evento(s) literário(s) que o participante organizou ou para o(s) qual(is) contribuiu.

Prevendo que o Poder Público não participasse em peso dos eventos, a questão 04 foi desenvolvida com a ideia de afirmar ou contestar nossa hipótese. Com 27,3% de respostas acerca da alternativa que apresentava a afirmativa de que o Poder Público havia realizado e teve apoio da iniciativa privada e da alternativa que apresentava que o Poder Público tinha apoiado a ação, foi possível concluir que o Poder Público se responsabilizou em peso pelos eventos. Isso significa para nós que, apesar de 9,1% dos contribuintes participantes serem autônomos ou da iniciativa privada, a questão financeira fica sob a responsabilidade dos agentes públicos.



**Figura 4** | Resposta da pergunta a respeito do papel exercido pelo Poder Público na Festa ou Feira que o participante organizou ou para a(s) qual(is) ele contribuiu.

Na questão 05, observamos que para a maioria dos participantes tópicos como 1) tema das mesas, 2) escolha dos palestrantes e convidados famosos ou da Região, 3) realização de atividades de dança, música, teatro etc., 4) espaço para crianças, 5) oficinas, 6) atuação com outras áreas como Educação e Meio Ambiente foram considerados relevantes ou muito relevantes. O único quesito em que apareceu a opção “irrelevante” foi na presença de editores e livreiros. É possível dizer, portanto, que todas as ações artísticas e comerciais (representada pelos editores e livreiros) foram consideradas para a realização do evento, mas com foco menor na comercialização. Esse resultado já era esperado, pois, segundo se verificou também nas programações, as atividades propostas provocam o encontro da literatura com diferentes formas de manifestações artísticas.



**Figura 5** | Resposta da pergunta a respeito da relevância das atividades

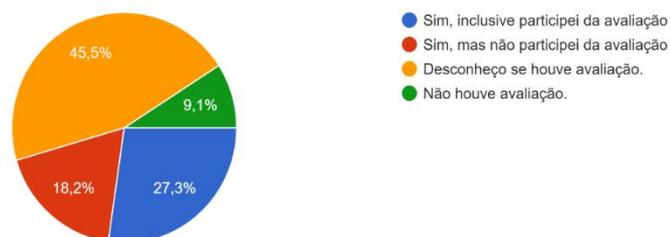
A pergunta 06 buscava estabelecer, sob a perspectiva dos participantes, a ordem de importância (com números de 1 a 5) que melhor fundamentava a idealização/concepção/realização da Festa / Feira. Destacou-se o desenvolvimento de hábitos de leitura. Essa opção foi considerada a mais relevante como primeira e segunda opção. A presença de autores regionais ficou à frente como terceira opção e não foi considerada na quinta opção por nenhum dos participantes. Como quarta opção, ficou a promoção do turismo no município. Por fim, a opção sobre a criação de um ambiente de negócios foi considerada a última opção pela maioria dos candidatos. Verifica-se, com efeito, que o hábito da leitura baliza em grande parte a criação das Festas e Feiras.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Embora fuja ao nosso escopo, é interessante observar que os eventos estudados aqui foram realizados pouco tempo depois de a imprensa ter noticiado que grandes livrarias brasileiras estava com dificuldades financeiras justamente pela falta de hábitos de leitura. Por outro lado, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil (cf. plataforma.prolivro.org.br), lançada em 2020, revelou que de 2016 a 2019 houve aumento do número que de pessoas que haviam lido pelo menos 3 livros por ano.



**Figura 6** | Resposta da pergunta a respeito da ordem de importância, segundo a sequência que, na opinião do participante, melhor fundamenta a idealização/concepção/realização do(s) evento(s) que você realizou ou para o(s) qual(is) contribuiu.

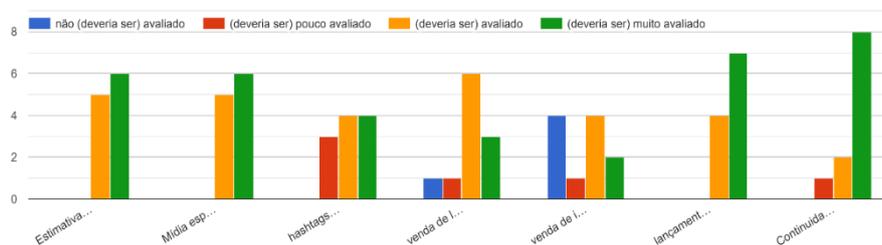
A última questão, cujo objetivo era captar a percepção dos curadores sobre o pós-eventos, abordava os critérios usados para avaliação da Festa / Feira. Um fato curioso sobre as respostas recolhidas na questão 07, é que 45,5% dos participantes desconheciam se houve ou não a existência de uma avaliação do evento. 9,1% dos colaboradores do questionário responderam que não houve uma avaliação, 18,2% confirmaram a existência de uma, mas não tiveram envolvimento com a atividade discutida. 27,3% confirmaram a existência de uma avaliação, na qual, eles mesmos participaram. Concluímos que 45% das Feiras /Festas que tiveram seus colaboradores/curadores presentes no questionário promoveram o desenvolvimento de uma avaliação após o evento.



**Figura 7** | Resposta da pergunta a respeito do término do evento, se após o evento foi realizada uma avaliação.

Destacou-se na pergunta sobre a relevância dos resultados alcançados na avaliação após o evento a necessidade da continuidade do evento e o lançamento de autores. Essas são duas questões importantes para as Festas / Feiras, pois a continuidade poderá proporcionar o fomento e a sedimentação de um sistema literário mais articulado e constante. Uma das alternativas perguntava qual o peso que *hashtags* em redes sociais deveria merecer. Em sua maioria (8 de 11), os entrevistados consideraram que deveria ser avaliado ou muito avaliado. Isso confirma o quanto, nos dias atuais, quando quase tudo gira em torno da *internet*, a

criação de espaços virtuais assume papel importante na divulgação e consequentemente na difusão de outros eventos.



**Figura 8** | Resposta da pergunta a respeito da relevância dos resultados alcançados na avaliação após o evento.

## CONSIDERAÇÕES

Com a leitura, análise e discussões das programações e artigos acadêmicos, destacamos que independentemente de seus objetivos, eventos literários são de suma importância para a região e para as pessoas que os acolhem. Em resposta à pergunta inicial do projeto (se as feiras, em seu desenvolvimento, buscavam apenas lucrar), concluímos que não podemos generalizar os interesses, apontado que seu único objetivo é esse. Pelos resultados, ficou explícito que em sua maioria os eventos literários realizados em 2019 no Vale do Paraíba realizaram esforços para abarcar as várias facetas da literatura, incluindo a presença de autores da região.

Nesse sentido, as Festas e Feiras aqui estudadas podem ser vistas como apontado por Sousa (2019, p. 12):

feiras literárias nem sempre têm um interesse comercial, mas visam contribuir com a formação cultural da população, com foco no estímulo à leitura e à formação do leitor e, eventualmente, à conquista de novos públicos consumidores. Em segundo lugar, defendemos que, nessas feiras, as atividades culturais marcam, em geral, um conagraçamento entre autores e leitores, entre promotores culturais e o público local. Esse formato se torna mais evidente quando essas feiras se realizam em pequenas cidades, sem tradição de eventos culturais e, às vezes, sem sequer a presença de uma livraria.

## Referências

AHMAD, Aijaz. Cultura, nacionalismo e o papel dos intelectuais: uma entrevista. *In*: AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente**: ensaios. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. Organização Maria Elisa Cervasco. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 219-247.

CANDIDO, Antonio. Introdução. *In*: CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 9. ed. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000, p. 23-37.

DOMINGUES, Rachel Bertol, VIEIRA, Itala Maduell. Formas de acesso à literatura na contemporaneidade (Brasil anos 2000), **Revista brasileira de história da mídia**, v. 4, n. 2, jul-dez., 2015, p.79-87. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4164/2475>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2003.

FARIA, Diomira *et al.* Motivações e experiências de turistas literários: Semana Roseana – Cordisburgo – MG, **Revista Turismo e desenvolvimento**, n. 27/28, p. 1149-1159, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6927925>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

FLIMA. Flima, 2019. Disponível em: <<https://www.flima.net.br/>>. Acesso em: 3 de ago. de 2020.

GIACAGLIA, M. C. **Organização de eventos**: teoria e prática. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

JORNAL DE GUARÁ. Festa literária de Guaratinguetá acontece nesta sexta-feira, 23 maio 2019. Disponível em: <<https://www.jornaldeguara.com.br/festa-literaria-de-guaratingueta-acontece-a-partir-desta-sexta-feira/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MIRANDA, Kênia. FLIP 2: sob a máscara do fetichismo da mercadoria sobre a segunda edição da Festa Literária de Paraty. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, jun., 2005, p. 01-09. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4571>>. Acesso em: 16 mar 2020.

PORTAL Serra da Mantiqueira. Semana Eugênia Sereno de Arte e Literatura. 2019. Disponível em: <<http://www.portalserradamantiqueira.com.br/materia/130>>. Acesso em: 26 de jul. de 2020.

PREFEITURA Municipal de Caraguatatuba. Vem aí a 9ª edição da FLIC - Feira Literária de Caraguatatuba., 2019. Disponível em: <<https://www.caraguatatuba.sp.gov.br/pmc/2019/09/vem-ai-a-9a-edicao-da-flic-feira-literaria-de-caraguatatuba/>>. Acesso em: 27 de jul. de 2020.

SAID, Edward W. Introdução. In: SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 9-33.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. As feiras literárias, o livro e o leitor: “plumas emaranhadas”. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 19, 2019, número especial FLIC, p. 4-21.

---

#### **Para citar este artigo**

---

HASMANN, R. B. dos S.; SANTOS, L. N. O. dos. Significados e implicações de eventos literários no Vale do Paraíba (SP). **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 7, 2021, p. 281-300.

---

#### **O autor**

---

ROBSON BATISTA DOS SANTOS HASMANN é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. (IFSP)

LEANDRA NICOLE PAULA DOS SANTOS é aluna bolsista do programa de Iniciação Científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. (PIBIFSP).